

CELIA MORGADO VAZ

ARTIGO CIENTÍFICO

Trabalho final para obtenção de nota
na disciplina: colóquio: religião,
etnicidade e violência.

Professora: Irene Dias de Oliveira

Goiânia

2013

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de muitas misturas - culturais, étnicas e religiosas. Aparentemente tem espaço para tudo e para todos. Entretanto, essa convivência nem sempre é tão boa ou harmônica como se desejaria ou queremos crer, ao alimentar o mito que somos um país sem racismo, sem preconceitos, onde se cultiva a paz. Ainda hoje, em pleno século XXI, apesar de termos leis visando combater o racismo e a favor da liberdade religiosa, existe muito preconceito e intolerância religiosa, quando se trata da herança africana.

O brasileiro se gaba de não ter prevenção contra o negro, o fato é que o preconceito é disfarçado e muito mais tolerado no Brasil que em outros países onde já existe consolidada uma clara rejeição à discriminação, com lutas por reconhecimento de direitos iguais. A verdade é que, por anos, temos convivido aparentemente bem com tal situação. Provavelmente, o preconceito tenha ficado mais explícito agora exatamente porque recentemente empunhamos a bandeira da luta contra as diferentes formas de discriminação existentes entre nós.

O negro, quando veio para o Brasil, trouxe consigo a sua cultura, que hoje faz parte da nossa; comemos acarajé, cozinhamos com temperos da sua culinária, vestimos roupas com os grafismos africanos. A brasileira típica tem o rebolado e as formas arredondas que herdou das ancestrais africanas. O negro está em nós, faz parte de nós, entretanto, ainda notamos vários tipos de abuso ligados à sua etnia. Testemunhamos diariamente comportamentos de explícito desrespeito pelos símbolos afro-religiosos, em situações as mais variadas, revelando a intolerância aqui existente quanto ao mundo da espiritualidade legada pelos africanos.

O caminho escolhido aqui para trabalhar a questão da liberdade religiosa e do fanatismo em nosso meio faz-se a partir do estudo de um caso de depredações e atos de violência impetrados contra o terreiro de umbanda “Pai Benedito de Angola das Almas Purificadas”. Pretende-se tecer uma análise e discussão das ocorrências, particularmente dentro da perspectiva

do preconceito e da intolerância religiosa, conforme aporte teórico atual em debate sobre a questão, enfocando etnia, violência e religião.

1- CASO EM ESTUDO: DEPREDações SOFRIDAS PELO TERREIRO DE UMBANDA “PAI BENEDITO DE ANGOLA DAS ALMAS PURIFICADAS”

Um breve esboço histórico sobre o terreiro e os eventos de violência sofridos ao longo do tempo:

Em 1988 o Sr. Sérgio comprou o terreno de chácara situado à Rua 10 Quadra 09 lote 4E5, Parque Santa Rita de Cássia- Valparaíso, GO, entorno de Brasília, Distrito Federal, com a intenção de montar ali o seu terreiro de Umbanda. Veio do Rio de Janeiro, onde se iniciou como umbandista e desenvolveu as suas habilidades espirituais, chegando aqui como “pai de santo” e desejoso de montar o seu próprio terreiro. Adquiriu a pequena propriedade e construiu nela uma edificação extremamente simples para começar a funcionar.

Na época, tratava-se de área rural situada na periferia de um pequeno vilarejo do entorno do Distrito Federal, a aproximadamente 40 km de distância da cidade satélite mais próxima. O Sr. Sergio fez um bom relacionamento com a vizinhança, composta de uns dez moradores, todos em barracos de madeira. Dentre seus vizinhos, destacava-se o Sr. Geraldo, que também desenvolvia trabalhos espirituais de natureza semelhante em sua própria casa e dona Maria que, do mesmo modo, tinha antecedentes umbandistas.

Além das atividades espirituais, começaram também a criar animais (cavalos e vacas) na pequena propriedade. A família do “pai de santo” freqüentava muito o local mas não morava nele. Eles vinham sempre nos finais de semana. Contavam com um caseiro mas, mesmo assim, começaram a acontecer roubos de animais e de pequenos objetos deixados na edificação onde funcionava o terreiro, como bebidas alcoólicas, fósforos, e outros utensílios que poderiam ser vendidos e render algum dinheiro, segundo acredita o informante. Em uma das vezes, destruíram a porta da

entrada e colocaram fogo na cortina do Gongá¹, provavelmente em retaliação por não terem encontrado nada de valor para levar. A partir de então, tomaram providências para aumentar a segurança da localidade, colocando cadeados em portas e janelas, embora muitas vezes os ladrões entrassem arrebatando buracos na própria parede.

Depois que o caseiro Ivanildo foi embora, os roubos ficaram mais freqüentes; levaram ferramentas de trabalho agrícola, utensílios domésticos, botijões de gás, etc. Naquela época, já tinham construído uma casa para o caseiro morar e feito uma pequena extensão na casa onde funciona o terreiro, incorporando uma cozinha e uma sala de refeições.

Acredita o informante que, por motivos variados, já entraram umas 10 vezes no sítio. Geralmente reviravam tudo, procurando por coisas de valor, mas muitas vezes não encontravam, pois passaram a deixar o local livre de qualquer objeto com alguma importância comercial. Em um dos roubos, levaram os atabaques, outros utensílios religiosos e as imagens religiosas católicas. Deixaram intactas as imagens de pretos velhos e outras entidades afro-brasileiras. Imagina que tudo era para ser vendido.

Com o caseiro seguinte (Miucho) ficou mais tranquilo, diminuíram os roubos, porque ele tinha uma família que morava ali com ele, caracterizando bem o local como chácara e moradia, tendo sempre alguém presente.

Após alguns anos, a região já estava bem mais povoada, cresceu muito e ganhou certa infra-estrutura: tinham feito estradas, abriram escolas, estabeleceram um posto policial e também ali se instalaram algumas igrejas evangélicas. Exatamente no mesmo período começaram a acontecer alguns eventos estranhos até então e as incursões na chácara mudaram de figura. Relata o informante que um dia, o grupo todo saindo após os trabalhos espirituais, já em alta noite, encontraram no alto do morro por onde acessam a via principal, um grupo de pessoas, juntamente com um pastor, que proferiam frases do tipo “sai pra lá satanás” enquanto eles passavam. Sem se incomodar com o que ouviam, simplesmente continuaram em seu trajeto e foram embora.

¹ Gongá é o nome do altar muito reverenciado dentro do terreiro, nele estão as imagens sagradas, se acendem velas e colocam algumas oferendas.

A partir daí se deram duas ocorrências de maior vulto, uma em 2011 e outra em 2012, que o informante caracteriza como tendo componentes de intolerância religiosa e ou discriminação, o que não percebia nas vezes anteriores que entraram na localidade. Uma das “filhas de santo” registrou as duas ocorrências na delegacia local. (BO anexo)

Na primeira delas, entraram e depredaram as casinhas de santo mantidas fora do terreiro, quebrando uma imagem do preto velho, pai Benedito, o mentor do terreiro. O “pai de santo”, juntamente com seus filhos, foram ver o que tinha acontecido. Encontraram muitas pedras, algumas delas grandes, dentro das casinhas, como se tivessem sido jogadas deliberadamente para “apedrejar” o local; em consequência quebraram-se as taças mantidas ali com bebidas e os vasilhames de oferendas. Destruíram também dentro das duas edificações. A família decidiu armar uma armadilha para pegar o culpado: o “pai de santo” saiu com o carro para buscar suprimentos e seus filhos ficaram escondidos na copa das árvores do sítio, dando a idéia de que deixaram o local sozinho. Enquanto o pai subia o morro, vários rapazes se juntaram chamando-o de “macumbeiro”, de forma agressiva. Cerca de uma hora após, apareceram no sítio alguns desses jovens. Os filhos surgiram de repente e correram atrás deles, tendo pego um, que confessou estar fazendo aquilo a mando de uma terceira pessoa.

A segunda ocorrência na delegacia deu-se em função de um incêndio, que com certeza foi criminoso, pelas suas características. Entraram na casa de apoio (antiga casa do caseiro) após arrombar a porta dos fundos e derrubar a porta existente entre a cozinha e área de serviço. Havia na cozinha um monte de lenha para o fogão e um armário de madeira onde estavam os utensílios de cozinha; algumas panelas, sendo a maioria vasilhas de plástico. Pegaram pedaços de madeira e colocaram sob o armário da cozinha e sob a mesa da sala, onde estava um colchão de espuma e atearam fogo em tudo. A fumaça e o calor desintegrou a fiação elétrica, provocando curto-circuito em toda a fiação da casinha.

2– APORTE TEÓRICO SOBRE VIOLÊNCIA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A palavra violência fala de um comportamento que intencionalmente causa dano ou intimidação moral a outra pessoa, ser vivo ou avaria a quaisquer objeto. Tal comportamento pode invadir a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo a vida do outro. Entende-se que a violência pode ter muitas faces, vir de muitos diferentes lugares, com significados os mais diversos. Na maioria das vezes, está inserida em um sistema no qual encontra justificativas. Mesmo que os motivos da violência não estejam explícitos, sempre existe algo por detrás que a justifica, para aquele que a perpetra. A violência nunca vem do nada. Há de existir um conceito, um preconceito, um juízo de valor ao qual se associa, encontrando aí sua razão de ser.

O conceito que se tem acerca do outro, antes mesmo de encontrá-lo, é o pré-conceito. Liga-se a algo que se traz do passado; seja a partir da própria experiência, referir-se a um aprendizado, ou mesmo tratar-se de um saber presente no *ethos* em que a pessoa está inserida. O fato é que o preconceito fala daquele que discrimina, pois o outro, objeto da discriminação, apenas confirma a idéia pré-concebida que o preconceituoso traz dentro de si.

Segundo Oliveira (2012, p.13), o preconceito é uma postura, uma concepção segundo a qual algumas pessoas consideram sua cultura, suas crenças, seus símbolos superiores e/ou melhores do que os de outros povos e outras culturas (etnocentrismo), servindo-se, assim, de avaliações negativas sobre as pessoas, suas culturas, seu imaginário simbólico, suas crenças e o seu *ethos*.

Pode o preconceito se associar a um ou a vários elementos de uma determinada cultura, do seu imaginário simbólico ou das suas crenças. Afirma Poutignat (1995, p.129) que a questão da etnicidade implica exatamente em que certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação entre um grupo e outro. A diferença, nesse caso, ganha um juízo de valor, onde um se coloca numa posição de superioridade em relação aos demais. Constrói uma imagem negativa do outro, agora inferior, o que justifica emitir um juízo crítico a seu respeito e cometer atos de violência contra sua pessoa ou objetos de sua propriedade. Dentro desse contexto,

configura-se o preconceito contra as religiões afro-brasileiras, onde vários elementos ligados à cultura africana somam-se à questão religiosa em si, criando um complexo gerador da discriminação.

Indivíduos que partilham as mesmas idéias facilmente se agregam e formam guetos com forte sentido de pertença e identidade. Junto ao preconceito vem a idéia de separação, de segregação de um grupo em relação aos demais, sendo a religião geralmente o elemento em comum que une a corporação que se separa da comunidade. Se é o elemento religioso que vincula o grupo, criam-se então seitas, que muitas vezes vão ao extremo e se tornam fundamentalistas.

Segundo Arens, (2004) “o fundamentalismo nasce como reação a uma cosmovisão diferente que se sente como ameaçadora às convicções fundamentais que dão segurança”. Para ele, o fundamentalista é uma pessoa que necessita de segurança ante a uma “insuportável sensação de insegurança afetiva e social”.

Indivíduos frágeis se sentem fortes ao participar de uma agremiação, por isso facilmente tornam-se instrumentos utilizados pelo grupo de pertença. Além da possibilidade dos indivíduos, agora empoderados, agirem sozinhos no combate a uma causa defendida pelo grupo, sabe-se que é muito mais fácil grupos cometerem atos violentos dessa natureza, que indivíduos isoladamente. No grupo, há uma despersonalização que viabiliza atitudes improváveis de serem realizadas pelos seus membros separadamente.

O fundamentalista, geralmente intransigente e intolerante, apóia-se em uma referência sagrada para moralizar o outro. Convicta de possuir a verdade e com postura messiânica, toma atitudes impensadas, muitas vezes violentas. Boff ressalta que características tais como a intolerância e acreditar possuir a verdade são os fatores que tornam fundamentalistas vários sistemas,

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro e o desprezo, a agressividade e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem guerras religiosas, violentíssimas, com incontáveis vítimas (BOFF, 2002).

Dentre os elementos concorrentes da violência contra as religiões de origem africana, há de se considerar ainda a questão relativa à imagem violenta de Deus. Para Oliveira, o fundamentalista, geralmente intransigente e intolerante, apóia-se em uma referência sagrada para moralizar o outro.

As religiões monoteístas [...] podem colocar-se numa posição excludente e geradora de violência, pois não toleram as diferenças decorrentes de outras crenças. A crença de que as verdades em que se crê são reveladas por Deus é outro exemplo que pode ser usado como estopim para a violência [...] acredita que a verdade revelada é a única e 'deve' ser 'imposta' e 'aceita' por todos indiscriminadamente. (OLIVEIRA, 2012, p.15)

Tudo isso leva o indivíduo a se sentir dono da verdade e superior aos demais, o que pode justificar plenamente sua intolerância religiosa com atos de violência, inteiramente validados por agirem em prol de um bem maior, segundo acreditam. Sendo os conflitos muitas vezes sustentados pela convicção da pessoa de que ela está com a razão e age com justiça.

Ainda nessa linha de pensamento, alguns estudiosos acreditam que a imagem de Javé pode ser um reforçador da violência nas religiões monoteístas de origem judaica. Segundo Estrada (2003, p.50), a Javé se atribui a origem do bem e do mal, de forma que o Deus da tradição judaica está impregnado de atos de violência. E se um dos traços da pessoa fundamentalista é exatamente que ela possui um olhar dual e simplista da vida, onde vê tudo a partir da perspectiva do bem e do mal, aqui ela valida seu ponto de vista. Sendo rígida, moralista e impermeável, não questiona e nem permite qualquer tipo de questionamento, acatando o que lhe é passado de maneira integral. Dessa forma, muitos religiosos e pastores usam de várias passagens no Antigo Testamento de clara e brutal violência para justificar e incitar atos agressivos dos seus fiéis.

A despeito da imagem de um Deus de misericórdia apresentada por Jesus, ele mesmo tornou-se o Cristo, vítima da violência estatal e religiosa, e a própria religião fundada sob o seu carisma assumiu um outro caminho ao longo da história. Segundo Estrada (2003. P. 73), "a absolutização das religiões [...] favorece a intolerância e o fanatismo", decorrente da substituição do carisma inicial pelo funcionário religioso. Funcionário religioso

esse que usa a doutrina segundo sua visão e interesse. Para Leonardo Boff (2002), “a intolerância não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina”. Provavelmente foi isso que aconteceu com o Cristianismo, quando se serviu da imagem do Deus violento na luta contra o inimigo, o mal personificado. Os representantes e autoridades cristãs de então criaram motivos para justificar as lutas e matanças que impetraram em nome da Religião, nas guerras de conquista de territórios. Entretanto, diziam que levavam a Palavra, imbuídos da missão de pregar o Evangelho. Sob a égide do combate ao mal, impetraram todo tipo de violência contra o outro, identificado herege, pecador, profano.

O imaginário cristão de combate ao mal em nome de Deus, presente nos textos apocalípticos, é algo bem forte ainda e do qual se servem muitas igrejas na atualidade. Com seus discursos inflamados, grande número de pregadores acaba levando seus fiéis a adotarem posturas claramente intolerantes contra aqueles que vivem de modo que condenam, ou professam costumes e práticas diversas das suas.

Para Terrin, (1998, p. 55) os movimentos religiosos baseados no “livro sagrado” assumem uma auto-referencialidade absoluta e se tornam fundamentalistas. Em se tratando de pessoa insegura, o fiel seguidor vê na autoridade religiosa o representante de Deus. Toma essa autoridade como o próprio Deus inquestionável, ao qual deve total obediência. Assim se justifica ao adotar atitudes fundamentalistas e atos violentos no combate, pois de alguma forma se sente um “soldado de cristo” em ação. A serviço do bem, luta contra o mal, personificado no inimigo que abate.

3 – O CASO EM ESTUDO

O grupo do terreiro de umbanda *Pai Benedito de Angola das Almas Purificadas* não é formado predominantemente por negros, entretanto, trata-se é uma religião afro-brasileira. Portanto, a questão étnica está envolvida. Muitos dos seus ritos, mitos e símbolos são de origem africana, que são discriminados e rejeitados por outras religiões, principalmente as cristãs.

O Cristianismo tem grande presença neste terreiro; nas orações católicas que são rezadas sempre antes de se iniciar a gira, no símbolo

máximo do cristianismo, um grande cruzeiro plantado no lado direito do terreiro, na imagem magna do Jesus ressuscitado bem no centro do Gongá, além das inúmeras outras imagens menores dos santos católicos equivalentes dos orixás. Mas também conta com o imaginário religioso vindo do espiritismo, da religiosidade indígena, predominando, naturalmente, o imagético africano, como seus ritos, mitos, imagens e símbolos.

Assim, na lateral direita da entrada da chácara tem a casinha de exu, o guardador das porteiras. A figura de Exu é uma das mais controversas quando se discute as religiões afro. No processo de sincretismo religioso, ele foi assemelhado ao diabo, a sataná, ao demônio do cristianismo. Ficando ele representado logo na entrada da propriedade, a ele são rendidas homenagens ali mesmo, diante dos olhos da vizinhança, que não só vê os ritos para a troca de oferendas, como também ouve as músicas específicas que são cantadas, muitas delas com dizeres que claramente o identificam com o personagem tão temido.

Diante de uma comunidade que acredita-se hoje em sua maioria evangélica, para quem a figura de sataná é o próprio mal a ser combatido, ficam plenamente compreendidas as palavras “sai pra lá sataná”, proferidas pelo pastor e seus fiéis, quando por lá passava o pessoal do terreiro. Claramente fizeram uma identificação entre os umbandistas e frequentadores do terreiro com o próprio sataná, presente na figura do exu, ao qual rendem homenagens.

Os ataques aos símbolos religiosos do terreiro só começaram após se instalarem na região várias igrejas de cunho evangélico. Atualmente existe uma grande quantidade delas, cerca de uma igreja em cada rua. Onde haviam poucas pessoas, dentre elas algumas praticantes da umbanda, passou a existir um grande número de habitantes que vivem em alto grau de pobreza, agora seguidores de doutrinas que condenam o imaginário africano.

Diante da divergência entre o imaginário africano e o cristão, algum conflito seria natural acontecer. Entretanto, o que se tem ali são dois grupos separados não só pela questão religiosa, como também divergem quanto à situação sócio-econômica. Inversamente das suas origens, quando a religião afro estava na mãos dos escravos, hoje são pessoas brancas da classe média que frequentam o terreiro *Pai Benedito de Angola das Almas*

Purificadas. Localiza-se numa região de periferia, mas seus frequentadores não moram lá. Tanto o “pai de santo” como todos os “filhos de santo” vêm de fora. Vivem e trabalham no grande centro e vêm ali apenas para as atividades espirituais. Chegam de carros novos e bonitos e estacionam dentro e nas periferias da chácara, à vista de todos. Batem tambor até altas horas da noite e depois vão embora. Mas ali vive a miséria; muitos desempregados, um grande número deles em verdadeiro estado de penúria, morando ainda hoje em seus barracos de madeira. Se locomovem a pé ou tomam ônibus velhos, caindo aos pedaços. Assim, além da questão religiosa, a questão econômico-social também separa os dois grupos.

Esse é o grande público alvo das igrejas evangélicas no Brasil de hoje. E que buscam o pastor como um pai para receber orientação quanto aos seus problemas no dia a dia. Professam a fé na esperança de conseguir um emprego, de melhorar o seu viver. Buscam um consolo nas orações e um alento nas promessas de uma “outra vida”, onde terão a desforra. Tentam se apoiar na irmandade de fé. E crentes que são, acreditam no que o seu guia lhes fala, ao trazer a palavra de Deus. Acreditam e procuram seguir fielmente sua orientação. Dessa forma, facilmente agem em nome dessa mesma fé e colocam-se a serviço da exterminação do mal sobre a terra.

Assim, a partir do aporte teórico apresentado, é completamente plausível relacionar os dois ataques ao terreiro registrados na delegacia como devidos ao preconceito e à intolerância religiosa. As evidências indicam que os mesmos se deram a partir da presença do grupo evangélico, que condena a práxis umbandista. Os ataques envolvendo os símbolos religiosos ocorreram exatamente na mesma época em que aconteceram os episódios de violência verbal dirigidos ao grupo umbandista e à pessoa do Sr Sérgio.

4 – COMBATE AO FUNDAMENTALISMO

Para combater a atitude fundamentalista, deve-se olhar e examinar as próprias crenças e atitudes. Noé (2004, p.152) apresenta uma série de conselhos nesse sentido. Em primeiro lugar, sugere buscar nos fundamentos da própria religião os elementos a partir dos quais refletir. No caso do Cristianismo, Jesus traz claramente os parâmetros de uma vida pacifista e

não violenta, nada melhor para o cristão que recorrer a esse modelo para se inspirar. Em seus ensinamentos, Jesus mostrou formas para a pessoa se transformar e sublimar criativamente os impulsos agressivos em gestos de amor e de solidariedade.

Deve-se relativizar as próprias representações da divindade e abrir-se para outras concepções e imagens divinas sem renunciar à fé monoteísta. Acatar a pluralidade de religiões como uma boa forma de convivência entre os diferentes indivíduos em sociedade. Entendendo que, embora haja um só Deus, há vários caminhos para encontrá-lo. Daí, ser passível desenvolver uma atitude tolerante, em que o respeito pelo outro faça parte do dia a dia de cada pessoa, algo essencial em uma atitude religiosa.

Outra questão importante consiste em retirar o poder conferido aos líderes religiosos, assumindo cada indivíduo o poder e a responsabilidade de repensar seus próprios atos.

Uma forma de combater a violência seria, dentro do ponto de vista freudiano, acionar o instinto do amor (Eros), contrapondo ao instinto que leva à guerra (Tanatos). Fortalecer o instinto da vida, é de certa forma ativar o princípio do amor ao próximo, trazido por Jesus, quando disse que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Fazer isso significa uma mudança total de paradigma, pois implica identificar o outro não como o inimigo, mas como o próximo, alguém a ser amado, em vez de odiado. Implica em eliminar as diferenças e sobressaltar as semelhanças. Transformar o outro em irmão, filhos do mesmo Deus, o mesmo Pai. Pai esse que, embora possa receber nomes e caras diferentes nas diversas culturas, é o mesmo. Esta é uma proposta de pluralidade religiosa que implica na aceitação do outro como ele é. Amando-o em vez de julgá-lo como inimigo, o demônio a ser combatido.

A religião pode ainda, em vez de constituir-se como um espaço de violência, servir como parâmetro de vida digna, oração e meditação. Servir-se de seus símbolos e ritos “para integrar os impulsos destrutivos [...] e transformá-los por meio de atividades culturais. (NOÉ, 2004. p.153)

5- CONCLUSÃO

O caso em estudo mostra que ainda existe muito preconceito no Brasil. É grande a discriminação contra as religiões de origem africana, principalmente pelo grupo dos evangélicos. Junto do preconceito, vem a intolerância, geralmente seguida de atitudes fundamentalistas, de combate ao mal, personificado no outro, o diferente. Por fim, seguem-se os atos de violência religiosa, plenamente justificados a partir da compreensão que obtiveram dos ensinamentos recebidos.

Alguns teóricos acreditam na índole violenta do ser humano e que a religião teria apenas o papel de trabalhar essa violência inata. Outros entendem que o comportamento violento acontece como resultante de um processo de aprendizado, inserido, portanto, dentro de uma determinada cultura. Independentemente da origem da selvageria no ser humano, o fato é que a religião está associada à discriminação e à violência. Embora isso, a religião pode contribuir muito para o controle e a diminuição da bestialidade, fornecendo meios e técnicas para se conseguir a sublimação dos instintos agressivos, transformando-os em atitudes positivas, com atos de generosidade.

Dentro das religiões judaico cristãs, a imagem brutal de Deus é um fator que concorre para a violência religiosa. Aos cristãos é recomendado procurar viver segundo os ensinamentos dados pelo próprio fundador da religião. Jesus ensinou a amar em vez de odiar o outro, seja ele quem for. Cristo deixou um excelente antídoto contra a agressividade, seu exemplo de vida e amor. Segui-lo implica em necessariamente sair do fundamentalismo religioso e cultivar a paz.

Num país com tamanha diversidade, a cura da violência religiosa está exatamente no acolher a heterogeneidade étnica, cultural, social e religiosa. Somos um povo resultante de uma combinação de culturas e etnias. Híbridos que somos, nos resta acatar essa variedade com alegria, entendendo que aí reside a nossa riqueza, a ser celebrada

REFERÊNCIAS

ARENS, Eduardo. Qual verdade? Apuntes sobre el fundamentalismo. Páginas, n° 188, agosto 2004, PP. 36-52

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2003.

NOÉ, Sidney Vilmar. Religião e Violência: Da Repressão da Agressividade à Sublimação. In *Religião e violência: em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004, p.139-153.

OLIVEIRA, Irene Dias de; ECCO, Clóvis. Religião, violência e suas interfaces. São Paulo: Paulinas, 2012. Disponível em www.ciberteologia.com.br

PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon (org.). *Religião e violência: em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 1997.

TERRIN, Aldo Natale. *O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.